

Práticas sexuais e comportamentos de risco para infecções sexualmente transmissíveis entre jovens universitários

Sexual practices and risk behaviors for sexually transmitted infections among university students

Prácticas sexuales y conductas de riesgo de infecciones de transmisión sexual en estudiantes universitarios

Thelma Spindola¹, Vinícius Rodrigues Fernandes da Fonte¹, Márcio Tadeu Ribeiro Francisco¹,
Elizabeth Rose Costa Martins¹, Paula Costa de Moraes¹, Laércio Deleon de Melo¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

RESUMO

Objetivo: analisar as práticas sexuais e os comportamentos de risco para infecções sexualmente transmissíveis (IST) entre estudantes universitários. **Método:** estudo transversal de abordagem quantitativa. Participaram 1536 universitários, com idades entre 18 e 29 anos, de duas instituições de ensino superior, pública e privada, que responderam a um questionário entre 2016 e 2018. Os dados foram analisados com auxílio da estatística descritiva e inferencial. Os aspectos éticos envolvendo pesquisa com seres humanos foram respeitados. **Resultados:** os estudantes universitários, em geral, se expõem a comportamentos sexuais de risco para IST pela utilização inconsistente do preservativo. Quando realizada a comparação entre instituições, observa-se que existem diferenças no que tange a aspectos sociais e utilização do preservativo. **Conclusão:** os jovens universitários se expõem a comportamentos sexuais de risco para IST. Compreender os aspectos culturais e sociais de cada ambiente universitário pode ser uma estratégia de prevenção.

Descritores: Adulto Jovem; Estudantes; Educação Superior; Comportamento Sexual; Preservativos.

ABSTRACT

Objective: to analyze sexual practices and risk behaviors for sexually transmitted infections among university students. **Method:** in this quantitative, cross-sectional study, 1536 university students, aged between 18 and 29 years, from one public and one private higher education institutions, answered a questionnaire between 2016 and 2018. The data were analyzed using descriptive and inferential statistics. Ethical aspects of research with human beings were respected. **Results:** university students in general are exposed to risk behaviors for sexually transmitted infections resulting from inconsistent condom use. When comparing the institutions, differences were found in social aspects and condom use. **Conclusion:** young university students are exposed to sexual risk behaviors for sexually transmitted infections. Understanding the cultural and social aspects of each university environment can be a prevention strategy.

Descriptors: Young Adult; Students; Education, Higher; Sexual Behavior; Condoms.

RESUMEN

Objetivo: analizar las prácticas sexuales y las conductas de riesgo de infecciones de transmisión sexual (ITS) en estudiantes universitarios. **Método:** estudio transversal con enfoque cuantitativo. Participaron del estudio 1536 estudiantes universitarios, con edades comprendidas entre 18 y 29 años, de dos instituciones de educación superior, pública y privada, que respondieron un cuestionario entre 2016 y 2018. Los datos se analizaron mediante estadística descriptiva e inferencial. Se respetaron los aspectos éticos relacionados con la investigación con seres humanos. **Resultados:** los estudiantes universitarios en general están expuestos a conductas sexuales de riesgo de contraer ITS a través del uso inconsistente del condón. Al comparar instituciones, se observa que existen diferencias en cuanto a aspectos sociales y uso del condón. **Conclusión:** los jóvenes universitarios están expuestos a conductas sexuales de riesgo de ITS. Comprender los aspectos culturales y sociales de cada entorno universitario puede ser una estrategia de prevención.

Descritores: Adulto Joven; Estudiantes; Educación Superior; Conducta Sexual; Condones.

INTRODUÇÃO

Esta investigação tem como objeto as práticas sexuais e comportamentos de risco, frente às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), de estudantes universitários. As IST são um grave problema de saúde pública e a prevenção deste agravo configura-se como um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, proposto pela Organização das Nações Unidas, para garantir o acesso universal à saúde e aos direitos sexuais e reprodutivos. Estima-se que a cada ano sejam registrados 360 milhões de casos de IST no mundo, sendo de 10 a 12 milhões apenas no Brasil. Cerca de 25% dos casos ocorre na população de jovens até 25 anos. A principal forma de prevenção é adoção de práticas sexuais seguras, com utilização correta e consistente do preservativo, e a educação sexual¹.

Estudos realizados no Brasil apontam que os jovens estudantes universitários possuem baixo conhecimento sobre IST e possuem baixa percepção de risco quanto à possibilidade de infecção. O uso do preservativo masculino é

Autora correspondente: Thelma Spindola. E-mail: tspindola.uerj@gmail.com
Editora Científica: Cristiane Helena Gallasch; Editora Associada: Sonia Acioli Oliveira

inconsistente e o feminino é quase inexistente. Os dados pouco divergem de outros estudos internacionais realizados na Etiópia, Nigéria, Índia, Colômbia, Estados Unidos da América e Espanha. Os jovens se expõem a relações de risco e não possuem consciência da sua real vulnerabilidade. As universidades, por sua vez, pouco atuam de forma a proteger e conscientizar essa população²⁻¹⁰. Percebe-se, portanto, que os estudantes universitários, em um contexto global, arriscam-se em práticas sexuais não seguras. Nesse sentido, as universidades, como instituições educativas, devem ampliar a sua *expertise* na geração de conhecimento, ensino, pesquisa e extensão para uma vinculação social e comunitária que subsidie a promoção da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida dos seus estudantes¹¹.

Promover saúde nas universidades não é uma proposta nova no mundo, especialmente nos países ibero-americanos, mas é algo pouco debatido no Brasil. Desde a estratégia de ambientes saudáveis, impulsionada pela Organização Mundial da Saúde na década de 1980, as universidades têm despontado como um ambiente capaz de influenciar positivamente ou não as condições de vida e saúde da comunidade acadêmica. Promover um ambiente saudável é considerar a saúde como um produto da relação entre sujeitos e seu ambiente social. Dessa forma, modificar condutas que subsidiem uma cultura saudável não depende exclusivamente das pessoas, mas da estrutura física, política, cultural, organizacional, curricular e de decisões tomadas pelas direções das universidades que visam construir ambientes físicos, psíquicos e sociais que influenciam na melhoria da qualidade de vida e das condutas positivas em saúde da comunidade universitária¹².

Considerando o exposto, esta investigação selecionou como problema de pesquisa: quais são as práticas sexuais e os comportamentos de risco para IST entre estudantes universitários? O objetivo é analisar as práticas sexuais e os comportamentos de risco para infecções sexualmente transmissíveis entre estudantes universitários de duas instituições de ensino superior.

MÉTODO

Estudo transversal, de abordagem quantitativa, conduzido a partir das recomendações do *Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology* (STROBE), realizado com estudantes de duas instituições de ensino superior situadas no município do Rio de Janeiro, a saber: uma universidade pública e uma universidade privada. O estudo integra as ações do projeto de extensão “Quando o assunto é prevenção: dialogando com jovens acerca das infecções sexualmente transmissíveis” que, desde 2013, desenvolve ações no ambiente universitário para promover o diálogo e a reflexão sobre comportamentos sexuais de risco e o enfrentamento às IST entre jovens.

Participaram do estudo universitários com idades entre 18 e 29 anos. Para delimitação da faixa etária, adotou-se como referência o estatuto da Juventude, Brasil, que considera jovem a população com idade entre 15 e 29 anos. Contudo, não foram incluídos os estudantes com idade inferior a 18 anos por questões legais, pois o consentimento dos responsáveis é exigido. Os critérios de inclusão no estudo foram: estar regularmente matriculado na instituição de ensino superior, estar presente na ocasião da coleta dos dados e pertencer ao recorte etário delimitado.

Estudantes ausentes da instituição de ensino por motivo de licença médica ou trancamento de matrícula não fizeram parte do conjunto amostral. Como as instituições de ensino não forneceram o quantitativo de alunos por sexo e idade, foi utilizada uma amostra estratificada uniforme por sexo. Para a definição do tamanho da amostra, foi utilizado o cálculo amostral de tamanho conservador para populações infinitas, com intervalo de confiança de 95% e erro amostral de 5%. Nesse sentido, foram aplicados, em cada instituição de ensino, 768 questionários, sendo 384 em homens e 384 em mulheres, totalizando 1536 participantes.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário estruturado com 60 questões adaptado para o grupo populacional pesquisado, jovens universitários. A elaboração desse instrumento teve como base o estudo de abrangência nacional “Pesquisa de Comportamentos, Atitudes e Práticas da População Brasileira”. Esse estudo foi um inquérito de base populacional encomendado pelo Ministério da Saúde do Brasil, sendo uma referência na construção de indicadores para o monitoramento da epidemia de IST/Aids no país¹³. Para esta investigação, foram selecionadas as variáveis relacionadas às características sociais, às práticas sexuais e às práticas de prevenção às IST, totalizando 27 variáveis.

A coleta de dados ocorreu em 2016, na instituição de ensino privada, e em 2017/2018, na instituição pública. As abordagens foram realizadas nas áreas comuns, áreas de alimentação, lazer, esportes e circulação e nas salas, após as aulas e com a autorização do professor responsável pela disciplina. O tempo de preenchimento do questionário demorava em média 10 minutos. Os estudantes que aceitaram contribuir com o estudo deveriam responder e entregar o questionário no mesmo momento da abordagem do pesquisador, não sendo permitida a entrega a posterior.

Os dados coletados em cada instituição foram transcritos para uma planilha, utilizando recursos do *Software Excel 2016*, formando um banco de dados. Nesta investigação, os dois bancos de dados foram utilizados e agrupados, para a aplicação do *Software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), visando à realização de análises inferenciais, pela aplicação do teste qui-quadrado de Pearson com nível de significância de 95%.

Foram respeitados os aspectos éticos contidos na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde do Brasil. O projeto foi aprovado pelos Comitês de Ética em Pesquisa das instituições de ensino pública e privada. Todos os participantes da investigação concordaram em participar e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS

Participaram da pesquisa 1536 jovens universitários, sendo 768 da instituição de ensino pública e 768 da instituição de ensino privada. Neste estudo, foram incluídos apenas os universitários sexualmente ativos, perfazendo um total de 1268 (82,55%) participantes, dos quais 614 (79,95%) eram da instituição pública e 654 (85,16%) da privada. A Tabela 1 apresenta a caracterização dos participantes.

TABELA 1: Perfil social de universitários de duas instituições de ensino do município do Rio de Janeiro (n = 1268). Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2018.

Variáveis	Total		Instituição pública		Instituição privada		P-valor*
	n	%	n	%	n	%	
Sexo							0,57
Feminino	607	47,87	289	47,07	318	48,62	
Masculino	661	52,13	325	52,93	336	51,38	
Faixa etária							< 0,0001
18 a 24 anos (jovens-jovens)	1048	82,65	477	77,69	571	87,31	
25 a 29 anos (jovens-adultos)	220	17,35	137	22,31	83	12,69	
Cor da pele							< 0,0001
Branca	655	51,78	285	46,49	370	56,75	
Parda	325	25,69	155	25,29	170	26,07	
Preta	216	17,08	142	23,16	74	11,35	
Amarela	28	2,21	9	1,47	19	2,91	
Situação conjugal							0,01
Não possui parceiro(a) fixo(a)	656	51,78	297	48,37	359	54,98	
Possui parceiro(a) fixo(a)	611	48,22	317	51,63	294	45,02	
Possui filhos							0,10
Não	1228	97,08	600	97,88	628	96,32	
Sim	37	2,92	13	2,12	24	3,68	
Religião							0,01
Católica	340	43,81	159	44,92	181	42,89	
Evangélica	185	23,84	89	25,14	96	22,75	
Espírita	149	19,20	52	14,69	97	22,99	
Outra	49	6,32	30	8,47	19	4,5	
Sem religião	53	6,83	24	6,78	29	6,87	
Orientação sexual							0,39
Heterossexual	1071	84,87	518	84,5	553	85,21	
Bissexual	99	7,84	54	8,81	45	6,93	
Homossexual	82	6,50	38	6,2	44	6,78	
Outra	10	0,79	3	0,49	7	1,08	
Área do conhecimento que está cursando							< 0,0001
Humanas e Tecnológica	903	71,21	482	78,5	421	64,37	
Área da Saúde	365	28,79	132	21,5	233	35,63	
Acessa serviços de saúde							<0,0001
Não	616	49,36	246	40,66	370	57,54	
Sim	312	25,00	196	32,4	116	18,04	
Em parte	320	25,64	163	26,94	157	24,42	
Total	1268**		614**	100	654**	100	

Legenda: *Teste Pearson aplicado na comparação entre a instituição pública e a privada. **Algumas variáveis não totalizam o total de participantes por não terem sido respondidas.

Os resultados demonstram que os participantes das duas instituições de ensino apresentam diferenças estatísticas (p < 0,05) em suas características sociais, como faixa etária, cor da pele, situação conjugal, religião, acesso a serviços de saúde e área de conhecimento do curso que estava matriculado. Os universitários sexualmente ativos, de ambas as instituições, em sua maioria são jovens na faixa etária de 18 a 24 anos, cor da pele branca, não possuíam filhos, religião católica,

heterossexuais, pertencentes a cursos da área de humanas e tecnológicas, e referiam dificuldades de acesso aos serviços de saúde. No que tange à situação conjugal, a maioria não possuía parceiros fixos, no entanto há divergências entre as instituições. Apesar de não apresentar uma diferença significativa a maioria dos participantes era do sexo masculino (52,13%), demonstrando que os homens são mais sexualmente ativos que as mulheres, em ambas as instituições.

A Tabela 2 apresenta dados relacionados à utilização do preservativo.

TABELA 2: Uso do preservativo e história de infecção sexualmente transmissível entre universitários de duas instituições de ensino superior do município do Rio de Janeiro (n = 1268). Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2018.

Variáveis	Total		Instituição de ensino pública		Instituição de ensino privada		P-valor*
	n	%	n	%	n	%	
Uso do preservativo na primeira relação sexual							0,86
Sim	930	73,46	449	73,25	481	73,66	
Não	336	26,54	164	26,75	172	26,34	
Uso do preservativo com parceiro(a) fixo(a)							0,002
Sim	472	49,27	248	54,39	224	44,62	
Não	486	50,73	208	45,61	278	55,38	
Uso do preservativo com parceiros(as) casuais							0,002
Sim	395	70,28	196	76,56	199	65,04	
Não	167	29,72	60	23,44	107	34,96	
Uso do preservativo em todas as relações sexuais							0,05
Sim	504	39,81	261	42,5	243	37,27	
Não	762	60,19	353	57,5	409	62,73	
Negociação do uso do preservativo com os(as) parceiros(as) sexuais							0,06
Sim	347	28,01	181	30,07	166	26,06	
Não	549	44,31	272	45,18	277	43,48	
Em parte	343	27,68	149	24,75	194	30,46	
Uso do preservativo feminino							0,44
Sim	29	4,57	16	5,23	13	3,96	
Não	605	95,43	290	94,77	315	96,04	
Diagnóstico de Infecção Sexualmente Transmissível							0,007
Sim	87	6,92	52	8,54	35	5,4	
Não	1130	89,90	545	89,49	585	90,28	
Não Lembra	40	3,18	12	1,97	28	4,32	
Total	1268**		614**	100	654**	100	

Legenda: *Teste Pearson aplicado na comparação entre a instituição pública e a privada. **Algumas variáveis não totalizam o total de participantes por não terem sido respondidas.

Observa-se que os jovens universitários utilizaram o preservativo na primeira relação sexual, mas seu uso tende a diminuir no decorrer da vida. É observado, inclusive, que uma parcela da população de jovens universitários já recebeu diagnóstico de IST. Na comparação entre as instituições, observa-se que os estudantes da instituição de ensino privada utilizam menos preservativos nas relações com parceiros fixos, casuais e em todas as relações sexuais. Considerando que na instituição privada houve maior participação de alunos da área da saúde, esperava-se um comportamento mais aderente ao enfrentamento das IST com uso de preservativos, contudo isso não foi observado. Verificou-se, ainda, um maior número de registros de IST entre os universitários da instituição pública, apesar do uso mais frequente do preservativo.

Na Tabela 3 é possível observar que apesar de a maioria não possuir múltiplas parcerias sexuais, nos últimos 12 meses, há um número considerável de jovens que se expõem a tais práticas. Ao realizar comparação entre as instituições, os dados demonstram que há diferença estatística no que tange a frequência no consumo de bebidas alcoólicas, nas relações com parceiros(as) conhecidos pela internet e na relação sexual paga.

Os universitários, embora tenham usado preservativos no primeiro intercurso sexual, não usavam esse recurso em todas as relações sexuais. Nos relacionamentos com parcerias fixas, mais da metade informou não usar preservativos, contudo o uso com parcerias casuais é mais frequente. A negociação do uso de preservativos com parcerias sexuais, não é uma prática recorrente entre os estudantes que ficam vulneráveis aos agravos à saúde sexual, como a ocorrência de infecções transmitidas pelo sexo desprotegido.

TABELA 3: Práticas sexuais entre universitários de duas instituições de ensino superior do município do Rio de Janeiro (n = 1268). Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2018.

Variáveis	Total		Instituição pública		Instituição privada		P-valor*
	n	%	n	%	n	%	
Consumo de bebidas alcoólicas							0,39
Sim	903	71,27	430	70,15	473	72,32	
Não	364	28,73	183	29,85	181	27,68	
Frequência de consumo de bebidas alcoólicas							0,0003
Esporadicamente	485	53,89	253	59,11	232	49,15	
Finais de semana e feriados	375	41,67	166	38,79	209	44,28	
Diariamente	40	4,44	9	2,1	31	6,57	
Uso de álcool e/ou outras drogas antes da última relação sexual							0,3
Sim	367	29,10	169	27,75	198	30,37	
Não	894	70,90	440	72,25	454	69,63	
Mais de um(a) parceiro(a) sexual ao longo da vida							0,8
Sim	930	73,52	448	73,2	482	73,82	
Não	335	26,48	164	26,8	171	26,18	
Ter mais de um(a) parceiro(a) sexual no mesmo período							0,9
Sim	368	29,28	177	29,11	191	29,43	
Não	889	70,72	431	70,89	458	70,57	
Relação sexual com pessoa do mesmo sexo que o seu							0,65
Sim	206	16,36	97	15,88	109	16,82	
Não	1053	83,64	514	84,12	539	83,18	
Relações sexuais com homens e mulheres no mesmo período							0,51
Sim	39	3,13	17	2,8	22	3,44	
Não	1208	96,87	590	97,2	618	96,56	
Sexo nos últimos 12 meses							0,72
Sim	1158	91,61	558	91,33	600	91,88	
Não	106	8,39	53	8,67	53	8,12	
Mais de 5 parceiros(as) sexuais nos últimos 12 meses							0,31
Sim	173	30,14	74	28,03	99	31,94	
Não	401	69,86	190	71,97	211	68,06	
Relação sexual paga							0,02
Sim	40	3,26	12	2,05	28	4,36	
Não	1188	96,74	574	97,95	614	95,64	
Sexo com pessoa que conheceu pela internet							0,03
Sim	394	31,60	174	28,76	220	34,27	
Não	853	68,40	431	71,24	422	65,73	
Total	1268**		614**	100	654**	100	

Legenda: *Teste Pearson aplicado na comparação entre a instituição pública e a privada. **Algumas variáveis não totalizam o total de participantes por não terem sido respondidas.

DISCUSSÃO

Apesar das especificidades dos ambientes universitários, os participantes da pesquisa informaram comportamentos sexuais que os expõem ao risco da ocorrência de IST e/ou gravidez não desejada. Os dados desta pesquisa assemelham-se a outros estudos realizados com universitários no Brasil. Uma pesquisa, envolvendo 1547 universitários de uma instituição pública, identificou que 83,5% afirmaram ter iniciado vida sexual, 45% não usaram preservativo na última relação sexual, 9% apresentaram prevalência de comportamentos sexuais de risco e 9% tinham história de IST¹⁴. Estudo com 1350 estudantes universitários verificou que 79,2% tinham vida sexual ativa. Na prática do sexo oral, 88,6% dos calouros e 94,9% dos veteranos não fizeram uso do preservativo; na relação sexual vaginal 42% dos calouros e 56,7% veteranos não usaram preservativos, evidenciando que, ao longo da jornada universitária, os jovens assumem comportamentos sexuais de risco⁴. No decorrer da vida sexual, o jovem faz diversas experimentações sexuais e tem baixa percepção de risco para IST. A

gravidez indesejada é o principal motivo de sua preocupação e, por isso, emprega métodos contraceptivos, que podem (ou não) ser o preservativo. Na maioria das situações, quando empregam os contraceptivos hormonais, deixam de usar os preservativos porque não pensam nas IST¹⁵.

O cenário universitário é objeto de investigação, também, em outros países. Uma meta-análise, realizada com estudantes universitários da Etiópia, envolveu 18 estudos com 10.218 participantes e identificou que a prevalência estimada de comportamentos sexuais de risco foi de 41,62%. Ser do sexo masculino, consumo de álcool e assistir pornografia foram positivamente associados a comportamentos sexuais de risco¹⁶.

Não obstante, universitários da área da saúde também apresentam comportamentos sexuais de risco. Estudo brasileiro, com 819 participantes sexualmente ativos, identificou que 52% possuíam comportamentos sexuais de risco e conhecimento insuficiente sobre IST. O consumo de bebidas alcoólicas e de drogas ilícitas foi relatado por 50,2% e 7% dos entrevistados, respectivamente. O uso do preservativo em todas as relações sexuais entre as mulheres foi 19,29%, e 3,9% entre os homens. O preservativo feminino ainda é pouco utilizado, sendo referido por apenas 3,05% das participantes⁵.

A baixa utilização do preservativo feminino não é apenas uma realidade entre jovens universitários brasileiros. Estudo com 600 universitárias nigerianas constatou que apesar de 81,7% das entrevistadas terem vida sexual ativa, apenas 45,7% viram o preservativo feminino e somente 2,83% o utilizaram. Os principais motivos para a não utilização desse recurso foram a indisponibilidade, a dificuldade de inserção e o desconforto. Dentre as estudantes que informaram o desejo de usar o preservativo feminino, o principal preditor é estar em um relacionamento sério. Esses achados evidenciam a dificuldade das mulheres para negociar o uso de preservativos e sua submissão à decisão do homem, para usar ou não preservativo masculino⁷.

Com o advento da tecnologia, novas formas de encontros sexuais se fazem presentes, como é o caso dos aplicativos de namoro em *smartphones*. Estudo transversal, com 666 universitários de Hong Kong, demonstrou que os usuários de aplicativos de paquera/namoro eram mais propensos a ter relações sexuais desprotegidas com parceiros casuais. O contato digital e a relação de confiança estabelecida nos diálogos *online* favoreciam a sensação de segurança para que abdicassem do preservativo¹⁷.

No que tange à percepção de risco, estudo com 768 jovens universitários identificou que o conhecimento sobre as IST e suas formas de prevenção é baixo, mas, mesmo assim, os estudantes acreditam que é impossível ou pouco possível contrair uma IST¹⁸. Pesquisa com 1819 estudantes universitários de uma instituição pública de São Paulo - Brasil evidenciou que 99% dos alunos já tinham usado preservativo; contudo, apenas 30,5% faziam o uso contínuo. Ao serem indagados sobre as IST, cerca de 47% conheciam alguém que teve ocorrência de IST e 8,6% informaram que haviam tido, mas, mesmo assim, o conhecimento sobre prevenção e uso do preservativo era baixo¹⁹. Investigação realizada na Espanha evidencia que os universitários possuem dois modos de pensamento em relação às práticas sexuais de risco. Um deles está claramente ligado ao discurso de especialistas, o qual se refere ao uso do preservativo como um fator-chave. Nesta perspectiva, o indivíduo distancia-se do risco porque não percebe sequer sua existência. O segundo é a aplicação prática, cujas práticas sexuais estão vinculadas ao desconhecido, bem como ao descontrole provocado pelo uso de substâncias ou espontaneidade de encontros sexuais⁸.

Diferenças socioeconômicas, ambientais e culturais interferem no enfrentamento às IST no ambiente universitário. Apesar de as práticas sexuais de risco dos estudantes de ambas as instituições serem semelhantes e corroborarem com diversos estudos nacionais e internacionais, as características sociais divergem no grupo estudado. Sabe-se que a *expertise* de projetos de intervenção para a promoção de práticas sexuais seguras e de acesso a métodos de prevenção às IST é fortalecida quando se identificam as vulnerabilidades do público para o qual se destina a intervenção²⁰. Cabe salientar que este estudo não se propôs a estudar as relações de gênero, mas diversos outros constatam que existem diferenças significativas na percepção de risco, de comportamentos e na adoção de métodos preventivos entre homens e mulheres²¹.

Inúmeras tecnologias de prevenção têm sido pensadas e incorporadas no Brasil e no mundo para a prevenção de IST. No entanto, nenhuma estratégia é tão eficaz quanto o uso do preservativo. A combinação de métodos é de suma importância, mas não se deve perder de vista os esforços para (re)introduzir o uso do preservativo na vida cotidiana. Para isso, é relevante fomentar práticas para desmistificar, orientar e educar quanto à importância do uso de preservativos e minimizar ações ou influências que interfiram na sua utilização, como: relações desiguais de gênero, acesso aos preservativos masculino, feminino e gel lubrificante gratuito, consumo abusivo de álcool e outras drogas, ausência de atividades de educação sexual e relacionamentos abusivos²².

Neste sentido, o cenário universitário pode ser um ambiente de vasta possibilidade de estratégias de educação em saúde sexual e de promoção de hábitos e comportamentos saudáveis. As instituições de ensino e saúde podem e devem atuar em parceria para que o ambiente universitário seja um local de vinculação à população jovem, no intuito de garantir o acesso aos serviços de saúde, em especial os de promoção e de prevenção. As universidades brasileiras

devem começar a se apropriar da estratégia de universidades promotoras da saúde para fomentar uma cultura local de conhecimentos, práticas e atitudes direcionadas para o autocuidado e prevenção de riscos. A adequação da comunidade acadêmica para a adoção de hábitos saudáveis pode influenciar positivamente na defesa de um sistema de saúde mais forte, pois estes estudantes podem desenvolver, futuramente, um papel relevante na construção e defesa de políticas de saúde que extrapolem os muros da universidade¹¹.

Limitações do Estudo

Neste estudo, abordamos apenas a população jovem, em suas classificações jovens-jovens (18-24 anos) e jovens adultos (25-29 anos), por se tratar de um grupo populacional que evidencia aumento de casos de IST no Brasil. Contudo, variações sociais, observadas nos cenários universitários distintos, como faixa-etária, situação conjugal, cor da pele, religião, área do conhecimento que está cursando e acesso aos serviços de saúde, podem caracterizar um viés do estudo, pois implicam em mudanças sociais, culturais, psicocognitivas e comportamentais, que podem influenciar nas práticas sexuais.

CONCLUSÃO

O uso do preservativo não é constante na vida dos jovens universitários. Uma parcela considerável fica exposta à IST na primeira relação sexual. Isso se perpetua no decorrer da vida, quando a utilização do preservativo tende a diminuir, especialmente, nas relações sexuais com parceiros(as) fixos(as).

Ao comparar as instituições universitárias, verificou-se que o uso do preservativo na universidade particular é menos usual, e que há maior frequência no consumo de bebida alcoólica. Aspectos sociais divergem, entre as instituições e isso pode ser um viés do estudo.

Os dados reforçam a necessidade de avançarmos em atividades de educação em saúde nos espaços de sociabilização dos jovens. As atividades de prevenção devem ter uma postura proativa na ocupação de espaços frequentados por grupos vulneráveis, promovendo a formação de vínculo e oferta de cuidados em saúde. As instituições de ensino têm um papel fundamental na articulação e criação deste espaço de cuidado junto a sua comunidade acadêmica, cedendo espaços físicos e fomento às atividades que promovam o bem-estar físico e mental da sua população, como um compromisso ético, cidadão e sustentável.

REFERENCES

1. World Health Organization (WHO). Sexually transmitted infections (STIs). Geneva: WHO; 2019 [cited 2020 Oct 10]; Available from: [https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-\(stis\)](https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-(stis)).
2. Fonte VRF, Spindola T, Lemos A, Francisco MTR, Oliveira CSR. Knowledge and perception of risks related to sexually transmissible infections among Young university students. *Cogitare Enferm* [internet]. 2018 [cited 2020 Dec 10]; 23(3):e55903. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v23i3.55903>.
3. Gómez-Camargo DE, Ochoa-Díaz MM, Canchila-Barrios CA, Ramos-Clason EC, Salgado-Madrid GI, Malambo-García DI. Salud sexual y reproductiva em estudiantes universitarios de una institución de educación superior en Colombia. *Rev salud pública* [internet]. 2014 [cited 2020 Dec 10]; 16(5):660-72. DOI: <http://dx.doi.org/10.15446/rsap.v16n5.39998>.
4. Bertoli RS, Scheidmantel CE, De-Carvalho NS. College students and HIV infection: a study of sexual behavior and vulnerabilities. *DST – J bras Doenças Sex Transm* [internet]. 2016 [cited 2020 Dec 10]; 28(3):90-5. Available from: http://www.dst.uff.br/revista28-3-2016/DST%20v28n3_IN_90-95.pdf.
5. Sales WB, Caveião C, Visentin A, Mocelin D, Costa PM, Simm EB. Comportamento sexual de risco e conhecimento sobre IST/SIDA em universitários da saúde. *Rev Enf Ref* [internet]. 2016 [cited 2020 Dec 10]; serIV(10):19-27. DOI: <http://dx.doi.org/10.12707/RIV16019>.
6. Yared A, Sahile Z, Mekuria M. Sexual and reproductive health experience, knowledge and problems among university students in Ambo, central Ethiopia. *Reprod Health* [internet]. 2017 [cited 2020 Dec 10]; 14:41. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12978-017-0302-9>.
7. Nwankwo PO, Sekoni OO, Omokhodion FO. Sexual practices and willingness to use female condoms among female undergraduate students of the University of Port Harcourt, Rivers State, Nigeria. *Afr J Med Med Sci* [internet]. 2108 [cited 2020 Dec 10]; 47(4):365-72. Available from: <http://ojshostng.com/index.php/ajmms/issue/view/30/15>.
8. Idoiaga N, Montes LG, Asla N, Larrañaga M. Where does risk lie in sexual practices? A study of young people's social representations. *Health Risk Soc* [internet]. 2020 [cited 2020 Dec 10]; 22(3-4):249-65. DOI: <https://doi.org/10.1080/13698575.2020.1793304>.
9. McMann N, Trout KE. Assessing the knowledge, attitudes, and practices regarding sexually transmitted infections among college students in a Rural Midwest Setting. *J Community Health* [internet]. 2020 [cited 2020 Dec 10]; 46:117-26. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10900-020-00855-3>.
10. Subbarao NT, Akhilesh A. Knowledge and attitude about sexually transmitted infections other than HIV among college students. *Indian J Sex Transm Dis AIDS* [internet]. 2017 [cited 2020 Dec 10]; 38(1):10-4. DOI: <https://doi.org/10.4103/0253-7184.196888>.

11. V.-Arroyo H. Look at the Ibero-American Movement of Health-Promoting Universities. *Horizonte Sanitario* [internet]. 2017 [cited 2020 Dec 11]; 16(3):140-51. Available from: <https://revistas.ujat.mx/index.php/horizonte/article/view/2010>.
12. Martínez-Riera JR, Pino CG, Pons AA, Mendoza MCG, López-Gómez J, Acevedo HVA. The university as a community: health-promoting universities. *SESPAS Report 2018. Gac Sanit* [internet]. 2018 [cited 2020 Dec 11]; 32(s1):86-91. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2018.08.002>.
13. Ministério da Saúde (BR) Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Pesquisa de conhecimentos, atitudes e práticas da população brasileira 2013. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2016 [cited 2020 Dec 11]. Available from: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2016/pesquisa-de-conhecimentos-atitudes-e-praticas-na-populacao-brasileira-pcap-2013>.
14. Graf DD, Mesenburg MA, Fassa AG. Risky sexual behavior and associated factors in undergraduate students in a city in Southern Brazil. *Rev Saúde Pública* [internet]. 2020 [cited 2020 Dec 12]; 54:41. DOI: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054001709>.
15. Quintana JB, Calatayud FM, Lanterna LP. Aspectos psicosociales de la salud sexual y reproductiva en estudiantes universitarios. *Salud & Sociedad* [internet]. 2016 [cited 2020 Dec 12]; 7(2):180-95. Available from: <https://www.redalyc.org/pdf/4397/439747576004.pdf>.
16. Amare T, Yeneabat T, Amare Y. A Systematic Review and Meta-Analysis of Epidemiology of Risky Sexual Behaviors in College and University Students in Ethiopia, 2018. *J Environ Public Health* [internet]. 2019 [cited 2020 Dec 12]; 4852130. DOI: <https://doi.org/10.1155/2019/4852130>.
17. Choi EPH, Wong JYH, Lo HHM, Wong W, Chio JHM, Fong DYT. The association between smartphone dating applications and college students' casual sex encounters and condom use. *Sex Reprod Health* [internet]. 2016 [cited 2020 Dec 12]; 9:38-41. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.srh.2016.07.001>.
18. Fonte VRF, Spindola T, Francisco MTR, Sodré CP, André NLNO, Pinheiro CDP. Young university students and the knowledge about sexually transmitted infections. *Esc. Anna Nery* [internet]. 2018 [cited 2020 Dec 12]; 22(2):e20170318. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2017-0318>.
19. Castro EL, Caldas TA, Morcillo AM, Pereira EMA, Velho PENF. Awareness and education regarding sexually transmitted diseases among undergraduate students. *Ciênc saúde colet* [internet]. 2016 [cited 2020 Dec 12]; 21(6):1975-84. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015216.00492015>.
20. Calazans GJ, Pinheiro TF, Ayres JRCM. Programmatic vulnerability and public care: Overview of HIV and Aids prevention policies for gay and other MSM in Brazil. *Sexualidad, Salud y Sociedad* [internet]. 2018 [cited 2021 Dec 05]; 29:263-93. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2018.29.13.a>.
21. Jimenez MM, Andrade FC, Raffaelli M, Iwelunmor J. Heterosexual transmission of HIV in the Dominican Republic: gendered indicators are associated with disparities in condom use. *BMC Public Health* [internet]. 2015 [cited 2020 Dec 12]; 23(15):1161. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-015-2432-8>.
22. Dourado I, MacCarthy S, Reddy M, Calazans G, Gruskin S. Revisiting the use of condoms in Brazil. *Rev bras epidemiol* [internet]. 2015 [cited 2021 Dec 05]; 18:63-88. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-4503201500050006>.